REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 723

30 DE JANEIRO DE 1899

Redacção – Atelier de gravura – Administração

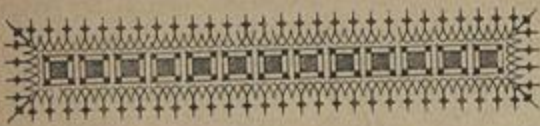
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CENTENARIO DE ALMEIDA GARRETT

ALBERTO

J. B. de Almeida Garrett

CHRONICA OCCIDENTAL

E' Almeida Garrett uma das maiores glorias da litteratura nacional, um dos mais acclamados nomes da escola romantica, a par dos maiores de França, Inglaterra e Allemanha.

Ingratos muita vez se lhe mostraram, na vida tão cheia de trabalhos, os portuguezes. Ainda, infelizmente, o momento não chegou de pagar ao poeta, ao romancista, ao dramaturgo, a divida sagrada. Forçoso e triste é confessal-o: a ingratidão, máu grado o santo esforço de muitos, continua ainda.

Não ha maiores ingràtos do que os ignorantes. Como explicar a difficuldade que hoje encontra no mercado portuguez a venda das obras de Garrett? Como acreditar-se que muitos conheçam apenas de nome a obra prima da arte dramatica portugueza, a que por si só bastante seria para dar gloria a uma litteratura?

Ha muitos annos que o *Frei Luiz de Sousa* não é representado em Portugal. Muitos, que sobre elle falam constantemente, nem o leram sequer! E prova-o o espanto d'elles, que nunca mais se fizesse uma obra assim. Se nem Garrett poude fazel-a! Se em todas as litteraturas estrangeiras tão poucas se lêem, que de longe se lhe comparem!

Não indaguemos causas. Quando as coisas correm mal, os culpados são o publico e quem mal o educa.

Grande divida temos portanto que pagar, e não é apenas com a commemoração d'um centenario, nem com a trasladação dos ossos de Garrett para o Patheon, se tal se fizer, que ficaremos livres d'um encargo que, por cada anno que passa, mais nos vai pesando na consciencia.

E' costume de portuguezes a divida. A gratidão só pretende mostrar-se de maneira facil. Sai da Camara o vereador balofo, inchado, porque poz na esquina d'uma rua o nome illustre... ás vezes d'um illustre desconhecido. E assim se pagam dividas. Assim já a Camara de Lisboa julgou pagar o que devia ao auctor do *Frei Luiz*, que no tumulo havia de sorrir-se de tanta ignorancia provada e de tão mesquinho favor.

O que havia a fazer era envidar todos os esforços para que as melhores obras, tantas d'ellas commentadas por illustres escriptores estrangeiros, d'esse que, desde o *Camões* até ao *Frei Luiz de Sousa*, não fez senão inspirar-se nas fontes claras da poesia portugueza, fossem, quanto possivel, espalhadas, ensinadas a conhecer e a estimar.

Garrett foi um grande portuguez e o que de mais portuguez compoz isso foi logo traduzido, conhecido em todos os paizes cultos, onde a boa e sã litteratura tinha facil entrada, enthusiastico acolhimento.

Elle o escreveu: — «A litteratura é filha da Terra, como os Titans da fabula, e á sua terra se deve deitar para ganhar forças novas, quando se sente exhausta.»

O pensamento constante de Garrett foi como o de Camões — a patria. Elle quiz sempre «fallar ao coração e ao animo do povo pelo romance e pelo drama.»

«Este é um seculo democratico» escreve elle na memoria lida em conferencia no Conservatorio Real de Lisboa em 6 de maio de 1843. «Tudo o que se fizer ha de ser pelo povo e com o povo... ou não se faz.»

Mas se o povo não conhece ou quasi desconhece a Garrett, de quem a culpa? Não do povo, por certo.

A' tradição popular foi elle buscar muitas das suas melhores e mais notaveis primeiras obras primas.

Durante o tempo da emigração, padecendo ás vezes miserias, durante o cerco do Porto, largando muita vez a penna para ir pegar na espingarda, sempre na lenda e poesia popular foi inspirar-se; ao mesmo tempo que grande poeta mostrava-se patriota exaltado.

Os genios honram sempre a terra em que nasceram, mas o mesmo não póde dizer-se de obra de todo o genio. A Portugal honram-o Garrett e a sua obra inteira.

Os poemas *Camões* e *D. Branca* foram ambos escriptos durante o tempo da primeira emigração do auctor. Saudades da patria foram a grande inspiração do primeiro, nas lendas patrias a buscou para o segundo.

Das cinzas do passado resurgia em flor uma nova poesia.

Foi ainda na emigração que elle compoz a *Adosinda* e o *Bernal-Francez*, que anda traduzido em todas as linguas da Europa.

O romanceiro de Garrett foi um dos maiores favores que se hão feito á genuina poesia portugueza, a quem o auctor tanto bem quiz, que tão desprezada por tantos annos andou, que, de novo agora, felizmente resurge.

Mas todos esses que sentem como elle e pretendem mostrar seu sentimento, communical-o aos indifferentes e desdenhosos, atear de novo um fogo que mal ainda amorna umas cinzas, devem muito a esse gigante, que nos contos que, em pequenino, ouviu a duas velhinhas, achou o germen d'uma ressurreição e depois deu nova alma ao que jazia inerme.

O seu famoso livro, *Viagens na minha Terra*, segue a tradição. Tudo aquillo é nosso, é muito nosso; tão nossos como a paizagem que descreve são os sentimentos em todo aquelle romance.

Ou não tivesse Garrett melhor do que ninguem já cantado a

«*Saudade, gosto amargo de infelizes*».

De todas as suas obras é, porém, sem duvida, a de maior gloria para o poeta esse drama de que já falámos, que é a obra prima de quantos no genero se hão feito, e que tantos, que falam de Sardou, de Dumas, de Augier, de Ibsen e de Bjorson, desconhecem por completo.

É um drama romantico, mas raros talentos subiram tão alto na descripção das paixões humanas como Almeida Garrett n'aquelles trez actos do *Frei Luiz de Sousa*. Obra prima do genio é ella e talvez a mais completa obra d'arte até hoje produzida em lingua portugueza.

D'ella escreveu Edgar Quinet: — «Em sua surprehendente simplicidade este drama representa o fundo intimo da vida portugueza, com a mistura de expectação, de saudade, de esperança, conjuncto de felicidade apparente e impossivel, que conduz a essa viva melancolia para a qual a lingua de Camões tem uma palavra sem equivalente em nenhuma outra. O effeito é tanto mais pungente que a esperança realisada só serve aqui para despedaçar os corações. No final, quando as personagens principaes dizem adeus ao mundo para entrar n'um convento, parece que a nação inteira se enclausura.»

Na *Revista Universal* publicou Rebello da Silva uma noticia sobre o *Frei Luiz de Sousa*, que é, a par d'uma bellissima pagina litteraria, um trecho d'altissima critica d'arte.

Termina com estas enthusiasticas palavras: — «Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que comprehende todos os supplicios possiveis; exemplo maior de resignação, poesia mais intima do que as ultimas palavras que fecham o drama, sahidas da alma deante do cadaver da filha e ao pé da triste mãe! Todo este acto é o maior esforço dramatico de que temos noticia. Os affectos, os contrastes, a scena de Telmo Paes com o Peregrino, o equivoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena, as esperanças e apêgo que ella tem a seu esposo, a força de animo de Manuel de Sousa, são bellezas que rara vez saem tam perfeitas da mesma mão. A ultima scena que resume o drama, que o moralis, a scena em que a victima vae morrer de vergonha e de dor não se imita nem se pinta; escreve-se só uma vez.»

Entretanto Almeida Garrett soffreu muito em vida, não lhe faltaram inimigos traiçoeiros quando o julgaram fraco; muita vez teve que mandar limpar das botas a baba peçonhenta dos que pensavam ter dentes para morder-lhe. Eram os invejosos de suas glorias. A elles se refere Garrett no prologo do *Frei Luiz*:

«Na tribuna e no fôro, nos theatros e nas academias, nas assembléas do povo e nos palacios dos reis, em toda a parte lhe teem cortado d'essas palmas que verdejam um dia, que hoje dá o favor, que ámanhã tira a inveja; que, emquanto estão no viço, fazem curvar o joelho ao vulgo dos pequenos e ao vulgo — muito mais vulgo — dos grandes; mas que, em secando, no outro dia, são açoite que impunha logo a villeza d'esses cobardes para se vingarem nas costas dos que os humilhou, e a quem não perdoam o tempo que estiveram de joelhos... Coitados! pois não é essa a sua vida, a sua posição natural? É; mas querem fingir, de vez em quando, que não, e que podem estar direitos como a gente de bem. O auctor do *Frei Luiz de Sousa* avalia isso que isso vale.»

Pudera! Se elle tinha, nem podia deixar de ter, a consciencia do proprio valor!

Entretanto a amargura d'essas frazes, escriptas pouco tempo depois de haver assombrado o publico com tamanha manifestação de talento privilegiado, de genio extraordinario, provam-nos a injustiça dos homens do seu tempo, entre os quaes Garrett foi talvez o maior, pelo menos na litteratura dramatica.

Trata-se agora de festejar o centenario do nascimento do poeta. Não será uma festa nacional, o que é deveras uma injustiça, mas servirá ao menos para dar maior realce a um nome glorioso e tanto basta para que á pequenina apotheose, entre as palmas de muitos, juntemos o nosso applauso humilde.

Os contemporaneos não souberam ou não quizeram emprehender o trabalho d'aquelle renovador da litteratura nacional; os homens d'hoje mal o conhecem.

Que este centenario seja um esforço para que o nome de Garrett tenha entre nós, entre o povo para quem escreveu, a aureola que merece, e seja bemvindo.

Metteu-se n'isto a mocidade academica. Que a geração a que pertence, pague uma divida que ainda nenhuma soube pagar.

João da Camara.

O CENTENARIO DE GARRETT

Joaquim de Araujo, poeta notabilissimo, a quem a distancia a que se acha da patria mais o amor por ella lhe accende, tem sido um dos mais fervorosos propugnadores da celebração do centenario de Almeida Garrett.

E' do seu livro *Primeiras leituras*, publicado por Lugan & Genelioux em 1891, o artigo que se segue:

(ÁS CREANÇAS)

Na renovação literaria, que é uma das nobres paginas da historia contemporanea de Portugal e que acompanhou parallelamente as grandes leis transformadoras de Mousinho da Silveira, cabe a Garrett a honra insigne do mais proeminente logar. O Romance, a Poesia, o Theatro, a Historia literaria, o Estudo das Tradições, o Jornalismo, a Tribuna parlamentar — taes são os campos em que o seu talento genial fulgurou, deixando em algumas notaveis obras-primas da Arte portuguêsa os modelos que guiaram tres gerações.

Tinha, como ninguem, o poder da Evocação. As grandes épocas e as grandes figuras da historia nacional via-as elle, num lance, banhadas de esplendor, e á sua voz como que acordavam de sepulchros. No exilio, erguia-se-lhe em face Camões, o grande exilado; no cerco do Porto patenteava-se-lhe a visão dessa extraordinaria revolta contra o bispo-feudal da idade-média, tão altamente reconstruida no *Arco de Sant'Anna*; Gil Vicente desenrolava aos olhos da sua alma o culminante fulgor do antigo theatro nacional; o Alfageme e o Condestavel diziam-lhe da velha honra e da intemerata lealdade portuguêsa, por entre o ruido das novas luctas partidarias; Fr. Luiz de Sousa vinha trazer-lhe o segredo dessa tragedia unica, que as nações modernas admiraram!

Nas *Viagens na minha terra*, Garrett apurou a linguagem portugueza a um grau de simplicidade e de elegancia, que até então não fôra sequer presentido, inspirando-se da tradição nas bellas lendas locaes de Santa Iria e de Fr. Gil de Santarem. Nessa corrente, produziu a collecta do *Romanceiro*, ponto de partida dos estudos de literatura popular em Portugal.

Sectario de grandes e generosas ideias, Garrett, a exemplo de Camões, esteve encarcerado, e como elle envergou a farda de soldado português.

Um naufragio levou-lhe os seus manuscritos, como Camões, num naufragio, esteve a ponto de perder o extraordinario Poema da nossa nacionalidade.

Tinha a bondade de um heroe antigo; da sua historia miuda e formosamente contada pelo discipulo amado, que lhe cerrou os olhos, não resalta a mais pequena mancha a empanar-lhe o caracter, tão puro, tão luminoso e tão alto.

Orador notabilissimo, deputado, par do reino e ministro, elle foi sempre o soldado do Cêrco do Porto, de espingarda ao hombro, em defeza da Liberdade.

O centenario do nascimento de Garrett completa-se a 4 de fevereiro de 1899. Cumpre ás creanças de hoje, que hãode ser a nação portuguêsa de amanhan, gravar, em letras de luz, nos fastos da Patria, essa data sublime, victoriando o nome do colossal Apostolo, numa apotheose gigantesca de acclamação, que o seculo XX repercuta.

1891. *Joaquim de Araujo.*

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

NOTAS BIOGRAPHICAS

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, filho de Antonio Bernardo da Silva e de D. Anna Augusta de Almeida Leitão, nasceu no Porto em 4 de fevereiro de 1799.

Commemorando o facto foi pela Camara Municipal d'aquella cidade mandado collocar uma lapide na casa que hoje tem os n.os 37, 39 e 41 na rua do Calvario, onde n'essa epoca habitavam os paes da creancinha, que havia de ser com o tempo uma das mais fulgentes glorias de Portugal.

No Porto e seus arrabaldes se passaram os primeiros annos da meninice de Almeida Garrett e as lembranças que d'esse tempo lhe ficaram muito concorreram para a feição poetica de suas obras notaveis. Em nota ao primeiro acto do Frei Luiz de Sousa se refere Garrett a esses longiquos tempos de sua vida feliz. «Não é de invenção minha este argumento que convence tão fortemente o bom do aio velho e que me lisonjeio de ser uma das coisas mais caracteristicas e originaes que o observador não vulgar encontrará talvez n'esta composição. Tirei-o de um precioso thesoiro d'onde tenho havido quasi tudo o que em meus escriptos litterarios tem tido a fortuna de ser mais applaudido. O thesoiro são as reminescencias da minha infancia e o estudo que incessantemente tenho feito de linguagem, do sentir, do pensar e do crer do nosso povo, que é o mais poetico e espirituoso povo da Europa.» E depois conta-nos uma historia commovente d'uma criada antiga, uma mulata, Rosa de Lima.

Quando as tropas de Soult entraram em Portugal, sahiu Antonio Bernardo da Silva para Lisboa, onde pouco se demorou, partindo logo depois para a Terceira, sua terra natal, acompanhado por toda a familia.

Começou ali o poeta a revelar-se e a dar provas de sua altissima intelligencia na frequencia das aulas. Ali estudou francez, latim, grego, rhetorica, poetica e philosophia, muito devendo sua illustração aos cuidados e saber de seu tio, bispo de Angola, D. Fr. Alexandre, que em 1811 se fôra reunir á familia.

Destinava Antonio Bernardo a seu filho João para a carreira do sacerdocio. Facto notavel! — Almeida Garrett, que tão celebre deveria tornar-se na tribuna, fez seus ensaios como pregador sagrado! Uma rapaziada. Não o chamava Deus para a religião e, d'isso facilmente convencida a familia, auctorisaram-o a partir para Coimbra, em cuja universidade se matriculou em 1816.

A veia poetica vai-se-lhe desenvolvendo. O theatro atrae-o. Compõe o *Xerxes* e a *Lucrecia* e elle mesmo ajuda á representação como actor. Todos esses trabalhos obteem desde logo grande exito e de Coimbra data a fama de Garrett como poeta. Começa e abandona grande numero de tragedias. Faz a *Merope*.

Rebenta a revolução de 1820 e Garrett enthusiasma-se. Elle mesmo redige as proclamações aos academicos. Os adversarios classificam-o como demagogo e inimigo da ordem.

Terminara o quinto anno, mas pede addiamento de acto, porque deseja ir á Terceira matar saudades. Parte para a Ilha, abraça a familia, mas, não esquecendo nunca a devoção que tomou pelas novas idéas liberaes, trabalha por ellas activamente e consegue converter todas as opiniões em seu favor.

Em fins de agosto de 1821 volta a Lisboa e é acclamado delirantemente no theatro do Bairro Alto, onde pela primeira vez se representa o *Catão*. O proprio poeta fazia o papel de Junio Bruto.

N'essa noite vê pela primeira vez D. Luiza Midosi, com quem pouco depois casou e de quem, passados annos se separou por incompatibilidade de genios.

Noite foi memoravel, mas que, parece, pouco influiu no animo dos professores de Coimbra, onde a 19 de novembro se apresentou a exame do quinto anno.

O demagogo tinha má fama. Eis a votação do conselho da faculdade:

Em procedimento e costumes — approvado por quatro e reprovado por cinco.

Em prudencia, probidade e desinteresse — approvado por cinco e reprovado por quatro.

Em merecimento litterario — bom por seis e sufficiente por trez.

Quem seriam os trez?

O que se vê é que não era grande o cheiro de santidade em que o inimigo da ordem, como lhe chamavam, vivia entre os partidarios ferrenhos do absolutismo.

Em principios de 1822 publicou Almeida Garrett *O Retrato de Venus* e em agosto d'esse mesmo anno entrou por concurso para a secretaria do reino, onde pouco depois, era nomeado chefe da repartição de instrucção publica.

Pouco tardou, porém, que o absolutismo não triumphasse de novo. Os mais conhecidos liberaes começaram a ser perseguidos e Garrett julgou conveniente embarcar no paquete inglez que sahiu de Lisboa a 9 de junho de 1823.

Avista terra a 27 de junho e escreve: «Terra, terra!... mas terra estranha, terra de desterro e de exilio!»

Pouco, d'essa vez, se demora em Inglaterra. Conferenciou com os principaes emigrados portuguezes e resolveu voltar a Lisboa.

Mas, pouco tempo depois de desembarcar em terra portugueza, é preso e em 25 de agosto uma ordem de policia desterra-o.

Novamente embarca para Inglaterra e em casa de Thomaz Hadley encontra uma hospitalidade, cuja lembrança lhe ha de ser grata na vida inteira.

Continuava sendo a liberdade o sonho favorito d'aquella exaltada fantasia. Ella e as saudades da patria inspiram-lhe formosas poesias. Na litteratura encontra o melhor refugio. Mas pesa-lhe aquella vida de parasita, embora todos os carinhos da hospedagem franca.

Consegue um pequeno emprego no Havre e atravessa o canal.

É ali que elle, tão revolucionario na litteratura como na politica, escreve, um logo apoz outro, esses dois poemas immortaes na historia litteraria portugueza, o *Camões* e a *D. Branca*.

N'elles popularisou a verdadeira poesia portugueza.

«Os poemas *D. Branca* e *Camões* appareceram um dia nas paginas da nossa historia litteraria sem precedentes que os annunciassem; um representando a poesia nacional, outro a moderna poesia sentimental do norte. São para nós os primeiros e até agora os unicos monumentos de uma poesia mais liberal do que a dos nossos maiores.» Tal foi a opinião de Alexandre Herculano.

Despedido da casa commercial, onde fazia as correspondencias portuguezas para o Brazil, vae a Paris, onde arranja maneira de lhe ser publicado o *Camões*.

Passados dois mezes volta para o Havre, onde presta serviços á mesma casa commercial, onde já fôra empregado. A bonança dura pouco. Em principios de 1826 volta de novo para Paris, trabalha para a casa Aillaud e vive entre miserias e dissabores até que, depois da morte de D. João VI, lhe é permittido voltar a Lisboa, onde é reintegrado em seu antigo logar no ministerio do reino.

Escreve a *Carta de guia de eleitores*, funda *O Portuguez* com Paulo Midosi e pouco depois, elle só, *O Chronista*.

Os tempos não haviam melhorado. Todos os que padeciam de ideias liberaes eram perseguidos. Os redactores do *Portuguez* são presos e passam tres mezes na cadeia. D. Miguel faz-se proclamar rei legitimo. Garrett em junho de 1828 vê-se outra vez obrigado a emigrar.

Publica em Londres a *Adozinda* e o *Bernal-francez*. Estava classificado como o primeiro poeta portuguez do seu tempo. Traduzidas as suas ultimas obras na maior parte das linguas cultas, Garrett tinha um nome illustre no mundo. E comtudo continuava soffrendo miserias horriveis.

D. Pedro IV deixava entretanto o Brazil e tentava reconquistar o throno de sua filha. Garrett passa a França e assenta praça. Desembarca na Terceira, faz parte do batalhão academico e logo merece toda a confiança de Mousinho da Silveira.

Durante todo esse periodo de luctas, Almeida Garret não deixa um só instante de dedicar-se ás artes que tanto o fascinam. É assim que no Convento dos Grillos, durante o cerco do Porto, largando muita vez a penna para pegar na espingarda, dá principio a um dos seus mais celebrados romances *O Arco de Sant'Anna*.

Em 19 de novembro de 1832 é nomeado para acompanhar a Londres Mousinho da Silveira. Sai do Porto, mas, passado mez e meio, é dissolvida a missão e Garrett acha-se em Londres reduzido á miseria e volta novamente a Paris, d'onde só regressa a Lisboa, quando terminam as luctas.

Glorias e miserias não lhe haviam faltado.

Não lhe faltaram ainda em Lisboa, miserias sobretudo, até que D. Pedro o nomeou vogal secretario da commissão de reforma e organisação da instrucção publica.

A 14 de fevereiro de 1834 é nomeado consul geral, encarregado de negocios na Belgica, cargo que desempenhou com notavel intelligencia e zelo pelas nossas coisas, como muito bem o provou em muitos officios enviados ao governo de Portugal.

Mas com que enormes difficuldades luctou sempre e que immensas vezes escreveu, queixando-se de que lhe faltava o necessario para viver sem vergonhas!

Vindo a Portugal acompanhando o principe Augusto, primeiro marido da senhora D. Maria II, consegue finalmente que lhe paguem os atrazados; mas, breve, regressando á Belgica, encontra novos e maiores embaraços, até que o demittem e substituem, deixando-o por muitos mezes, longe da patria, na mais falsa das posições.

A 20 de abril de 1836 volta a Lisboa e separa-se de sua mulher por escriptura existente nas notas do tabellião Scola.

Garrett, muitas vezes accusado tão falsamente de preguiçoso, não cessa um só instante de trabalhar. Em meio dos soffrimentos da emigração, entre as occupações de um soldado em campanha, ferido na alma pelos maiores desgostos, são-lhe refugio as lettras, que não abandonára nunca, nem sequer quando a politica o exaltara, nem mesmo nas cadeiras do poder.

Depois de uma outra viagem a Londres, acceita o cargo de redactor principal d'*O Portuguez Constitucional*.

Em 28 de outubro é incumbido pelo governo de propôr o plano da fundação e organisação do theatro nacional.

O relatorio com que correspondeu á confiança n'elle depositado é um primor.

O decreto foi assignado pela rainha que dois annos depois, assignava tambem o decreto dos estatutos do conservatorio real de Lisboa.

Não é só como ao maior dos dramaturgos que a arte dramatica portugueza deve a maior gratidão a Almeida Garrett, que tinha por coisas de theatro uma verdadeira paixão.

Na recomposição do gabinete em outubro de 1836, foi offerecida uma pasta a Garrett, que a recusou. Outras honras e cargos lhe offereceram, mas elle apenas acceitou a nomeação de vogal do tribunal superior de commercio. Deram-lhe tambem por essa mesma occasião o grau de cavalleiro da Torre e Espada e o titulo de conselheiro; nomearam-o membro da commissão incumbida de organisar o *Diario das Côrtes* e deram-lhe o cargo de inspector geral dos theatros e espectaculos nacionaes.

Uma aspiração politica tinha Garrett: ser deputado. Pela primeira vez o foi nas côrtes geraes extraordinarias e constituintes, representando Braga.

Durante os tempos tão desasocegados que decorreram até 1851, Garrett provou constantemente, com o seu amor á causa liberal, o dom de eloquencia com que fôra dotado pela natureza, tão prodiga para com elle.

Era um orador perfeito. Estudando com facilidade e excepcional intelligencia os assumptos mais variados, clarissimo em sua exposição, foi um adversario terrivel.

Os seus discursos são dos que pódem ser lidos, até fóra da paixão do momento, tão correcta era a sua linguagem, tão bello o seu estylo, tão alto ascendia em raptos de genio.

Respondendo a José Estevam, em discussão em resposta a um discurso da corôa, recitou Garrett a mais famosa das suas orações parlamentares, que ficou conhecida pela designação de discurso do *Porto Pyreu*. Foi classificado esse discurso como o mais eloquente que até então se ouvira na tribuna portugueza.

Não superior a este, mas gosando fama egual, foi tambem o que pronunciou na discussão da lei da decima.

Fóra da camara todos os assumptos importantes chamavam tambem a sua sollicitude. Foram importantissimos os seus trabalhos sobre a propriedade litteraria em que teve por adversario Alexandre Herculano.

Garrett era terrivel na opposição. A exaltação levava-o a fazer uso de phrases tão violentas que o major do regimento de infantaria n.º 7, Joaquim Bento Pereira, depois barão de Rio Zezere, veio á imprensa tentando desaggravar o exercito, que lhe pareceu ter sido offendido pelo deputado em um dos seus discursos. Seguiu-se um duello á pistola. Mas Joaquim Bento reconsiderava talvez e, devendo ser o primeiro a atirar, disparou á arma para o ar. Garrett seguiu-lhe o exemplo e os dois adversarios apertaram-se as mãos.

Quando rebentou a revolução chamada da Maria da Fonte e o Duque de Palmella foi chamado ao paço para organisar ministerio, muitos emigrados politicos, que se haviam refugiado em Hespanha por medo aos cabralistas, regressaram a Portugal, sendo em todo o caminho recebidos com vivas. No theatro de D. Maria foi offerecido um banquete a quatro dos emigrados: José Estevam, Manuel Mendes Leite, Cesar de Vasconcellos e Conde de Bomfim. O banquete foi presidido pelo Visconde de Sá e por Almeida Garrett, que terminou o seu discurso com estas palavras enthusiasticas: «Bebamos pois a este grande pensamento, que é verdadeiramente grande e nacional: *A' nação portugueza!*

Pouco tempo depois o Duque de Saldanha dava o famoso golpe de estado a que se seguiram desastrosas luctas, a batalha de Torres Vedras e a intervenção das potencias estrangeiras.

Garrett absteve-se durante esse tempo todo de entrar nas contendas politicas.

CASA ONDE NASCEU ALMEIDA GARRET, NA RUA DO CALVARIO, NO PORTO

Em 8 de março de 1851 foi nomeado plenipotenciario para tratar com o representante francez a connveção litteraria.

No dia 1 de maio constituia-se finalmente o primeiro governo regenerador tendo como presidente o Duque de Saldanha.

Chegou finalmente a hora em que se julgou que Almeida Garrett ia ver premiados os seus relevantes serviços á nação.

Nomeado successivamente plenipotenciario para tratar das negociações encetadas com a curia romana, visconde, par do reino, e finalmente ministro dos negocios estrangeiros, a sua vaidade muito deveria terse achado lisongeada.

Mas de curta duração foi essa felicidade. Exonerado do cargo de ministro em 17 de agosto de 1852, pouco mais de cinco mezes depois de haver tomado conta da pasta, a calumnia perseguiu-o cruelmente. Talvez fossem para elle mais dolorosos esses dias do que o tempo de maiores miserias na emigração. Alguns de seus discursos na camara dos pares tambem feriram depois, e bem profundamente, aquelles que não tiveram para com elle nem justiça, nem piedade.

A politica, com todas as suas caricias á vaidade do homem e, por outro lado, com todos os seus dissabores e crueldades, não poude affastar das letras o homem que nascêra para ser uma das maiores glorias de Portugal.

Um espirito irrequieto, uma ambição legitima afastaram-o por vezes da poesia. Mas a ella, o poeta voltava, constante, porque só n'ella achava consolação e talvez o esquecimento.

Foi assim que em 1838 compoz o *Auto de Gil Vicente* que pela primeira vez foi representado no theatro da Rua dos Condes em 15 de agosto.

Nomeado chronista mór do reino faz prelecções sobre a historia de Portugal e é acclamado pelo mais distincto auditorio.

Escreve a *Filippa de Vilhena* para ser representado pelos alumnos do conservatorio.

Em 1842 publica o *Alfageme de Santarem*.

De março a abril de 1843, estando em casa, impossibilitado de sahir por causa de uma canelada, escreve a obra prima do theatro portuguez, o *Frei Luiz de Souza*.

A peça subiu pela primeira vez á scena no theatrinho da quinta do Pinheiro, sendo os papeis assim distribuidos:

Magdalena	D. Emilia Kruz de Azevedo.
Maria...........	D. Maria da Conceição de Sá.
Manuel de Sousa..	Joaquim José de Azevedo.
Telmo Paes.......	Almeida Garrett.
Frei Jorge..	Antonio Pereira da Cunha.
Romeiro.........	Duarte Cardoso de Sá.
Prior...........	Antonio Maria de Sousa Lobo.
Miranda	Duarte de Sá Junior.

N'esse mesmo anno começou a composição das *Viagens na minha terra*, que entretanto só foram publicadas em 1846.

Em 1845 publica o *Arco de Sant'Anna* e as *Flores sem fructo*, que teem um exito talvez sem precedentes.

Não ha discussões politicas que lhe impeçam o trabalho litterario. Compõe, escreve continuadamente.

Os salões attrahem-o, escreve para as senhoras comedias que ellas representam, poesias com que lhes immortalisa os albuns.

Em 1847, estando a banhos na Cruz Quebrada, escreve o *Noivado no Dáfundo*.

Em 1848 representa-se em D. Maria *A Sobrinha do Marquez*.

Os trabalhos de organisação do *Romanceiro* caminham. E esse livro ha de ser dos mais valiosos para a nossa litteratura.

Vergado ao peso de tanto trabalho e de muita amargura, publica em 1853 as *Folhas Cahidas*, que, um mez depois, entrava em segunda edição. O poeta, já velho, escreve com todo o fulgor dos vinte annos.

Colhe-o a morte, quando escrevia o romance *Helena*.

Poucos homens em Portugal trabalharam tanto, poucos deixaram obra tão duradoura.

Garrett falleceu na casa da rua Saraiva de Carvalho, quasi em frente do cemiterio dos inglezes, onde foi collocada uma lapide com a seguinte inscripção:

NO DIA 9 DE DEZEMBRO DE 1854
FALLECEU N'ESTA CASA
O POETA PORTUGUEZ
VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT
FOI ESTA LAPIDE FEITA NAS OFFICINAS
DE SERGIO AUGUSTO DE BARROS
E ASSENTE NA DITA CASA
NO DIA 25 DE JUNHO DE 1865 AO MEIO DIA

Tendo adoecido na casa onde, por muito tempo, morou na Junqueira, entrou na de Santa Isabel para nunca mais d'ella sahir senão morto.

O grande poeta jaz por emquanto no cemiterio dos Prazeres, no tumulo de D. Pedro Brito do Rio.

Um busto do auctor do *Frei Luiz de Sousa*, devido ao cinzel do actor João Anastacio Rosa foi collocado sobre um pedestal no salão de entrada do theatro de D. Maria, em novembro de 1868.

Falou-se ha tempos em levantar em frente do theatro um monumento ao grande dramaturgo. Falou-se tambem em trasladar o cadaver para os Jeronymos. Uma proposta n'este sentido já foi feita em côrtes e por vezes d'esse assumpto se tem occupado a segunda classe da Academia.

As dividas aos grandes homens devem pagar-se tornando-lhes conhecidas as obras e Almeida Garrett, como o escreveu uma vez Antonio Pedro Lopes de Mendonça, não é um homem, é uma nacionalidade que ressuscita.

Francisco Gomes de Amorim, que foi dos mais queridos amigos do poeta, escreveu-lhe a biographia, tres grossos volumes, d'onde extrahimos estas notas.

CASA, NA RUA DA JUNQUEIRA, ONDE ALMEIDA GARRETT ADOECEU

CASA ONDE FALLECEU ALMEIDA GARRETT
Na Rua Saraiva de Carvalho
(Antiga Rua de Santa Isabel, em Lisboa)

FREI LUIZ DE SOUSA

ACTO II

Scena X

JORGE, MAGDALENA

MAGDALENA, fallando ao bastidor

Vai, ouves, Miranda? Vai e deixa-te lá estar até veres chegar o bergantim; e quando desimbarcarem, vem-me dizer para eu ficar descançada. (*Vem para a scena*) Não ha vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tam depressa...

JORGE

Não, hoje não tem perigo.

MAGDALENA

Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receado... que ainda temo que não acabe sem muito grande desgraça... É um dia fatal para mim: faz hoje annos que... que casei a primeira vez — faz annos que se perdeu

elrei D. Sebastião — e faz annos tambem que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousá.

JORGE

Pois contaes essa entre as infelicidades da vossa vida?

MAGDALENA

Conto. Este amor — que hoje está sanctificado e bemdito no ceu, porque Manuel de Sousa é meu marido — começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi.. e quando o vi — hoje, hoje... foi em tal dia como hoje! — D. João de Portugal ainda era vivo. O peccado estava-me no coração; a bôcca não o disse... os olhos não sei o que fizeram: mas dentro d'alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido, a meu bom... a meu generoso marido... senão a grosseira fidelidade que ũa mulher bem nascida quasi que mais deve a si do que ao espôso. Permittiu Deus... quem sabe se para me tentar?... que n'aquella funesta batalha de Alcacer, entre tantos, ficasse tambem D. João...

Scena XI

MAGDALENA, JORGE, MIRANDA

MIRANDA, apressado

Senhora... minha senhora!

MAGDALENA, sobresaltada

Quem vos chamou, que quereis? — Ah! és tu, Miranda? Como assim! ja chegaram?... Não póde ser.

MIRANDA

Não, minha senhora: ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso...

MAGDALENA

Então que é? Não vos disse eu que não viesseis d'alli antes de os ver chegar?

MIRANDA

Para lá torno ja, minha senhora: ha tempo de sobejo. — Mas, venho trazer-vos recado... um estranho recado, por minha fé.

MAGDALENA

Dizei já, que me estaes a assustar.

MIRANDA

Para tanto não é; nem coisa séria, antes quasi para rir. É um pobre velho peregrino, um d'estes romeiros que aqui estão sempre a passar, que vêem das bandas d'Hespanha...

MAGDALENA

Um captivo... um remido?

MIRANDA

Não, senhora, não traz a cruz, nem é; é um romeiro — algum d'estes que vão a Sant'Iago: mas diz elle que vem de Roma e dos Sanctos-Logares.

MAGDALENA

Pois coitado! virá. Agasalhae-o; e dem-lhe o que precisar.

MIRANDA

É que elle diz que vem da Terra-Sancta, e...

MAGDALENA

E porque não virá? — Ide, ide, e fazei o accomodar já. — É velho?

MIRANDA

Muito velho — e com umas barbas!... Nunca vi tam formosas barbas de velho, e tam alvas. — Mas, senhora, diz elle que vem da Palestina e que vos traz recado...

MAGDALENA

A mim!

MIRANDA

A vós; e que por fôrça vos hade ver e fallar.

MAGDALENA

Ide vê-lo, Frei Jorge. Ingano hade ser; mas ide ver o pobre do velho.

MIRANDA

É escusado, minha senhora: o recado que traz, diz que a outrem o não dará senão a vós, e que muito vos importa sabê-lo.

JORGE

Eu sei o que é: alguma reliquia dos Sanctos-Logares — se elle com effeito de lá vem! — que o bom do velho vos quer dar... como taes cousas se dão a pessoas da vossa qualidade... a trôco de uma esmolla avultada. É o que elle hade querer; é o costume.

MAGDALENA

Pois venha embora o romeiro! E trazei-m'o aqui, trazei.

Scena XII

MAGDALENA, JORGE

JORGE

Que é precisa muita cautella com estes peregrinos! A vieira no chapeu e o bordão na mão, ás vezes não são mais que negaças para armar á charidade dos fieis. E n'estes tempos revoltos...

Scena XIII

MAGDALENA, JORGE; *e* MIRANDA *que volta com o* ROMEIRO

MIRANDA, da porta

Aqui está o romeiro.

MAGDALENA

Que entre. E vós, Miranda, tornae para onde vos mandei: ide já, e fazei como vos disse.

JORGE, chegando á porta da direita

Entrae, irmão, entrae. (*O romeiro entra de vagar*) Ésta é a senhora D. Magdalena de Vilhena. — É ésta a fidalga a quem desejaes fallar?

ROMEIRO

A mesma.

(A um signal de Frei Jorge, Miranda retira-se)

Scena XIV

MAGDALENA, JORGE, ROMEIRO

JORGE

Sois portuguez?

ROMEIRO

Como os melhores, espero em Deus.

JORGE

E vindes?...

ROMEIRO

Do Sancto-Sepulchro de Jesu Christo.

JORGE

E visitastes todos os Sanctos-Logares?

ROMEIRO

Não os visitei; morei lá vinte annos cumpridos.

MAGDALENA

Santa vida levastes, bom romeiro.

ROMEIRO

Oxalá! — Padeci muita fome, e não soffri com paciencia: deram-me muitos trattos, e nem sempre os levei com os olhos n'Aquelle que alli tinha padecido tanto por mim... Queria rezar, e meditar nos mysterios da Sagrada Paixão que alli se obrou... e as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus segundo a carne, travavam-me do coração e do espirito, que os não deixavam estar com Deus, nem n'aquella terra que é toda sua. — Oh! eu não merecia estar onde estive: bem vêdes que não soube morrer lá.

JORGE

Pois bem: Deus quiz trazer-vos á terra de vossos paes; e quando for da sua vontade, ireis morrer socegado nos braços de vossos filhos.

ROMEIRO

Eu não tenho filhos, padre.

JORGE

No seio da vossa familia...

ROMEIRO

A minha familia... Ja não tenho familia.

MAGDALENA

Sempre ha parentes, amigos...

ROMEIRO

Parentes!... Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ella; hãode jurar que me não conhecem.

MAGDALENA

Haverá tam má gente... e tam vil que tal faça?

ROMEIRO

Necessidade póde muito. — Deus lh'o perdoará, se podér.

MAGDALENA

Não façaes juizos temerarios, bom romeiro.

ROMEIRO

Não faço. — De parentes, ja sei mais do que queria: amigos, tenho um; com esse, conto.

JORGE

Ja não sois tam infeliz.

MAGDALENA

E o que eu podér fazer-vos, todo o amparo e gasalhado que podér dar-vos, contae commigo, bom velho, e com meu marido, que hade folgar de vos proteger...

ROMEIRO

Eu ja vos pedi alguma coisa, senhora?

MAGDALENA

Pois perdoae, se vos offendi, amigo.

ROMEIRO

Não ha offensa verdadeira senão as que se fazem a Deus. — Pedi-lhe vós perdão a Elle, que vos não faltará de quê.

MAGDALENA

Não, irmão, não de certo. E elle terá compaixão de mim.

ROMEIRO

Terá...

JORGE, cortando a conversação

Bom velho, dissestes trazer um recado a ésta dama: dae-lh'o já, que havereis mister de ir descançar...

ROMEIRO, surrindo amargamente

Quereis lembrar-me que estou abusando da paciencia com que me tem ouvido? Fizestes bem, padre: eu ia-me esquecendo... talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim... estou tam velho e mudado do que fui!

MAGDALENA

Deixae, deixae, não importa; eu folgo de vos ouvir: dir-me-heis vosso recado quando quizerdes... logo, ámanhan..

ROMEIRO

Hoje hade ser. Ha tres dias que não durmo nem descanço, nem pousei ésta cabeça, nem pararam estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um anno — quando me libertaram, dei juramento sôbre a pedra sancta do Sepulchro de Christo...

MAGDALENA

Pois ereis captivo em Jerusalem?

ROMEIRO

Era: não vos disse que vivi lá vinte annos?

MAGDALENA

Sim, mas...

ROMEIRO

Mas o juramento que dei foi que, antes de um anno cumprido, estaria deante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

MAGDALENA, aterrada

E quem vos mandou, homem?

ROMEIRO

Um homem foi, — e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a *ninguem* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

MAGDALENA

Como se chama?

ROMEIRO

O seu nome, nem o da sua gente nunca o disse a ninguem no captiveiro.

MAGDALENA

Mas emfim, dizei vós...

ROMEIRO

As suas palavras, trago-as escriptas no coração com as lagrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me cahiram n'estas mãos, que me correram por éstas faces. Ninguem o consolava senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.

JORGE

Homem, acabae.

ROMEIRO

Agora acabo: 'soffrei, que elle tambem soffreu muito. — Aqui estão as suas palavras: 'Ide a D. Magdalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal!... e d'aqui não póde sahir nem mandar-lhe novas suas... ha vinte annos que o trouxeram captivo.'

MAGDALENA, na maior anciedade

Deus tenha misericordia de mim! E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era... esse homem tinha sido .. levaram-n'o ahi de donde!... de Africa?

ROMEIRO

Levaram.

MAGDALENA

Captivo?

ROMEIRO

Sim.

MAGDALENA

Portuguez?... captivo da batalha de?...

ROMEIRO

De Alcacer-Kebir.

éstas não são cousas para se crerem de leve. *(Reflecte, e logo como por uma idea que lhe acudiu de repente)* Oh! inspiração divina... *(Chegando ao romeiro)* Conheceis bem esse homem, romeiro: não é assim?

ROMEIRO

Como se me visse a mim mesmo n'um espelho.

JORGE

Procurae n'estes retrattos, e dizei-me se algum d'elles póde ser.

D. JOÃO DE PORTUGAL

FREI LUIZ DE SOUZA *(Final do 2.º acto)* — QUADRO DO FALLECIDO PROFESSOR LUPI

(De uma aguarella do sr. J. R. Christino da Silva)

MAGDALENA, espavorida

Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo dos meus pés?... Que não cahem éstas paredes, que me não sepultam já aqui?...

JORGE

Callae-vos, D. Magdalena: a misericordia de Deus é infinita; esperae. Eu duvido, eu não creio...

ROMEIRO

Como a mim mesmo.

JORGE

Se o vires... ainda que fôra n'outros trajos... com menos annos — pintado, digamos — conhecê-lo-heis?

ROMEIRO, sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João

É aquelle.

MAGDALENA, com um grito espantoso

Minha filha, minha filha, minha filha!... *(Em tom cavo e profundo)* Estou... estás... perdidas,

deshonradas... infames! (*Com outro grito do coração*) Oh minha filha, minha filha!... (*Foge espavorida e n'este gritar.*)

Scena XV

JORGE; *e o* ROMEIRO *que seguiu Magdalena com os olhos, e está alçado no meio da casa com aspecto severo e tremendo*

JORGE

Romeiro, romeiro! quem es tu!

ROMEIRO, *apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal* (1)

Ninguem.

(*Frei Jorge cai prostrado no chão, com os braços estendidos, deante da tribuna. O panno desce lentamente.*)

(1) O actor João Anastacio Rosa modificou a rubrica. Segurava o bordão na mão esquerda e apontava para o retrato com o index da mão direita.

ARCO DE SANCT'ANNA

CAPITTLO XXV

Revolução

No intervallo de socêgo ou de reflexão que a revolta tinha tido desde que se aquietára ás portas da Sé com as promessas de Paio-Guterres, era bem visivel agora que ella se tinha estado organizando — quanto é organizavel uma revolta — e que se tinha convertido em revolução.

Nascida, como todas as revoluções verdadeiras e conscienciosas, de uma forte, legitima e justa indignação popular, nascida sem parteiras nem commadres, pelo mero e spontaneo impulso da natureza, — tinham depois tido tempo as dittas commadres e parteiras de a pençar e infaixar a seu modo. Não tinha mais fôrça agora do que quando nascêra; bem visto, menor seria talvez. Mas então sem objecto distincto, sem direcção bem applicada, as suas fôrças originaes derramavam-se e perdiam-se como as de um grande rio no areal que o sorve. Agora, por menores que fossem, vinham concentradas e dirigidas a um ponto dado, o podêr de sua pressão era immenso, capaz de mover montanhas.

«...levava hasteada em alto poste a cabeça insanguentada de um enorme dogue ou cão de fila, coroada de uma mithra...»

ARCO DE SANCT'ANNA

(Aguarella do sr. Manuel de Macedo)

Os irmãos Vaz tinham trabalhado bem; o nome d'el-rei valia muito, as suas promessas eram formaes e positivas; emfim, repito, a revolta estava feita revolução.

Já a mesma marcha e compostura da multidão mostrava outro aspecto; os gritos e acclamações tinham certo regulamento; e as proprias vozes do arame agitador, que de manhan retiniam cadauma para seu lado, e se misturavam, sem tom nem som, sem compasso nem harmonia, com o vozear do

povo, agora tinham seu tal ou qual concertante, tocavam mais forte nos cheios, nos coros, mais pianno quando, para assim dizer, acompanhavam alguma jaculatoria revolucionaria de poucas vozes; e faziam emfim silencio, tinham seus compassos de espera, quando algum orador popular executava um solo que devia ser bem distinctamente ouvido.

A frente do tumulto marchava uma especie de San'Christovam, homem alto e membrudo, de grenha imbaraçada e ruiva, as mangas da camiza arregaçadas e manchadas de sangue, nu de braços e pernas, e o cutello pendente ao lado. Este era Braz-Marchante, o carniceiro e forsureiro de aopé da Sé, que levava hasteada em alto poste a cabeça insanguentada de um enorme dogue ou cão de fila, coroada de uma mithra de cartão bastante bem feita, e d'ahi fluctuando, em guiza de pendão, muitas varas de assopradas tripas, antigo symbolo de alcunha e de glória, de chacota e de presumpção, para a nossa boa terra. O meio horrivel, meio burlesco, estendarte, vinha rodeado de uma multidão de gaiatos, que eram como os tiples d'aquelle côro infernal, as requintas d'aquella orchestra diabolica: todos elles, uns ganiam, outros huivavam, outros ladravam e latiam, e logo dirigiam mil injúrias, chufas e vituperios á mithrada cabeça do dogue. Alguns eram dictos graciosos, não faltos de espirito, e que mereciam nozes e confeitos em um triumpho romano; outros, pragas horriveis que faziam arripiar as carnes. De vez em quando a sôlta massa d'esta ladainha de chufas e maldicções se reunia e concentrava n'uma trova, grosseira sim mas feita de arte, e que bem mostrava não ser inteiramente spontanea aquella demonstração popular, senão que já tinha sua direcção e contraregra.

Ei-la aqui a trova — ou hymno, pára fallar em lingua revolucionaria moderna.

Beo, beo, beo! tira o chapeo,
Que aqui vai dom Pero-Cão!
Hão, hão, hão, so canzarrão!
Tam ladrão é o bispo como o Pero-Cão.

Cahin, cahin, cahin!
Diz-lhe o bispo assim:
— «Porque ganes tu, meu fiel mastim?»
— «São os caldeireiros que véem sôbre mim.»

— «Deixa-os, deixa-os, Pero-Cão,»
Disse o bispo ao mau ladrão:
«Que eu te deito ésta benção,
E te faço bispo cão.
Se eu sou bispo barregão,
Bispo moiro e mau christão,
Que importa que o seja um cão?»

Hão, hão, hão!
Bispo temos barregão:
Que importa que o seja um cão?

Beo, beo, beo! tira o chapeo,
Que aqui vem dom Pero-Cão!
Hão, hão, hão, so canzarrão!
Tam ladrão é o bispo como o Pero-Cão.

E aqui um martellar de arames e latões capaz de encher as medidas, de saciar a sêde d'estes metaes, bem pouco preciosos, que devora as intranhas do nosso amigo Meyerbeer, cujo tympano escaldado e gretado creio que nem já o carrilhão de Mafra era capaz de fazer vibrar.

Atraz dos gaiatos, cantores d'estas loas, marchavam, como de razão, os menestreis caldeireiros. Estes, como digo, acompanhavam e fundamentavam com seus instrumentos a musica vocal da revolta.

. . . .

D. Maria Adelaide Garrett e dr. Carlos Guimarães

Uma estrella que passa, barca do infinito entre as ilhas d'oiro, não se apaga sem deixar na immensidade um rasto, que ainda reluz por instantes no escuro saudoso.

Como Garrett nas letras, estrella de primeira grandeza n'uma constellação formosa, brilhou sua filha na moribunda sociedade portugueza pelo perfume gracioso de seu espirito, pela formosa bondade de seu coração.

A luz vinha-lhe de cima. Herdára-a de quem a bebêra em regiões purissimas.

Chamavam-lhe todos *Mimi*, um nome cheio de ternura, que se diz com o mesmo mover suavissimo de labios com que as crianças dizem *mamã*. E tão cheia de graça era ella para todos, e tão cheia de perdão, que talvez alguns pobresinhos a quem deu esmola, algum desgraçado a quem disse uma fraze piedosa, ao chamarem-lhe *Mimi*, nome tão doce, pensassem no doce nome de *mãe*.

Um ar timido, um falar baixinho eram os indicios exteriores da encantadora modestia que florescia n'aquella alma, perfumando-a e a quantos d'ella se approximavam, escondendo, porém, preciosidades, que só aos muito intimos, alguma vez, despretenciosas, se revelaram.

Casada com o dr. Carlos Guimarães, medico de partido em Cintra, foi n'um dos mais bellos logares da terra, tão cantado pelos poetas, que passou a maior parte de sua vida. E tanto de sua gentil figura encheu toda a paizagem, que, para muitos, sem ella deixou de ser completo o quadro, a que faltam os tons roseos da luz do sol nascente sobre as montanhas longes.

Elegante e distincto, completo cavalheiro á boa maneira antiga, pela cultura da intelligencia e dotes de coração digno da companheira que Deus lhe dera, o dr. Carlos Guimarães, respeitado e estimadissimo por quantos o conhecem, todas as noites, aos amigos, com franqueza fidalga, abria as portas de sua sala.

Era uma deliciosa vivenda, um ninho modesto, onde a mão de uma senhora, intuitivamente artistica e finamente educada, em pequeninos nadas se revelava. Nem um só d'esses modernismos com fumos de elegancia, burguezmente rebuscados, que ferem os olhos e desafinam os nervos. Tudo era harmonia, um perfume de quietação. Meia duzia de retratos contavam a historia d'uma amizade ou falavam de saudades.

De inverno, n'aquellas noites de Cintra, que são tão frias, na salinha pequena, aconchegada, conversava-se até que horas!...

Em tudo o espirito da sr.ª D. Maria Adelaide Garrett, cultivado, sagacissimo, feminino na mais exacta e encantadora expressão, achava a nota scintillante, com uma delicadeza de visão que tornava qualquer observação preciosa. E a critica, quer se tratasse d'um assumpto litterario, quer d'um caso social, quer do mais insignificante facto da vida vulgar, formulava-se n'uma fraze curta, graciosa, certa, mas sempre perfumada pela bondade nativa, pela educação christã, por quanto uma alma de mulher previlegiada conserva, atravez a vida, branco, puro, sem macula.

O melhor prazer d'essas noites era o remexer nos manuscriptos de Garrett, alguns do tempo de sua mocidade, como o *Camões*, lindos exemplares de caligraphia com titulos sombreados a pequeninos traços, outros, como a *Helena*, escriptos n'um desastrado correr de penna, enigmas espinhosos para revisores.

E logo vinha uma historia, uma lembrança, uma saudade. Era um culto perenne á memoria do poeta, e a sala quasi se transformava em templo.

Pequenina deixara elle a filha, seu maior amor na terra, seu maior enlevo. Tinha ella treze annos, creio, quando o pae lhe morreu; mas a imagem do grande homem não se apagára d'aquella memoria, crescêra sempre na amorosa fantasia.

Revia-o fazendo-se pequenino para o anjo que idolatrava, balbuciando como ella, imitando-lhe o falar entaramelado com que os dois se entendiam e mais ninguem. Horas da vida passou Garrett, com a cabeça genial encostada ás grades negras do convento das Sallésias, vivendo da vida que a filha levava lá dentro, vida de innocencia, entre crianças innocentes como ella e freirinhas de olhos fechados para o mundo, no ideal de serem como aquellas que educavam, como as outras que Jesus afagára e apresentára aos homens por modêlo.

A criança crescêra n'aquelle affecto, e ainda no mesmo affecto ia crescendo a memoria do grande homem. O meio era culto; era como estufa carinhosa. O poeta da saudade continuava a viver entre saudades

Carlos Guimarães soube desempenhar-se da missão que lhe cumpria. Assiduo trabalhador, zeloso pelas boas letras, possuidor de preciosos manuscriptos, muito ajudou á maior gloria de Garrett e por isso á maior felicidade da filha do poeta.

Foi devido á sua iniciativa que em volumes separados foram impressos os *Escriptos diversos*, os *Discursos parlamentares e Memorias biographicas* e a primeira parte do romance, *Helena*, que, infelizmente, não poude o auctor deixar completo.

Carlos Guimarães é hoje viuvo. O espirito, que por tantos annos, lhe foi luz e calor, apagou-se pouco a pouco, sumiu-se devagarinho. Parecia uma lucta entre o amor, que de regiões desconhecidas o chamava, e o outro, egualmente intenso, que ao mundo o prendia. A viagem fez-se de mansinho; amorteceu-se primeiro a memoria das coisas da terra, apagou-se depois a vontade. As trevas desciam; já a alma pairava talvez ao de cima d'ellas.

O viuvo vive hoje só n'aquella villa de Cintra, nas sombras densas, que tantas memorias felizes guardam. Nas saudades, que lhe cantam dentro d'alma, o poeta que tão docemente em horas amargas as cantou, ainda, muita vez, lhe ha de surgir no pensamento, como companheiro eterno na affeição da mulher, que sua companheira foi de tantos annos.

D. Maria Adelaide teve na vida uma ventura: foi muito amada. No explendor e no occaso da vida encheu-a de carinhos um esposo, na aurora beijava-a ardentemente um pae ternissimo.

Amor de poetas! Se elles o exprimem melhor, é porque melhor o sentem! Não são frazes rhetoricas, logares communs rimados, tropos sonoros, palavras desconnexas embora bonitas, que de poeta possam classificar um metrificador vaidoso.

Quando se fala de Garrett é desrespeito pensar n'isso.

Ainda ha dias, folheando as *Folhas cahidas*, mais uma vez se nos depararam estes versos sentidissimos:

Ave, Maria

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vôa, ó Maria,
Pela filha innocente.
Com sua debil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos Ceus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus, que é teu filho e tens nos braços,
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E van tenção da terra;
Outra gloria, outro amor, outro contento,
De minha alma desterra.
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te implora
Pela filha querida.
Demais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
D'esta vida, tam mal gasta e prezada
Porque minha só era...
Salva-a, que à um santo amor está votada,
N'elle se regenera.

Tratando-se da celebração do centenario do nascimento de Garrett, era dever nosso prestar ainda uma vez culto áquella que tamanho amor lhe mereceu e ao homem a cujo zelo intelligente a gloria do poeta deve mais um grande pedaço de luz.

J. C.

ALMEIDA GARRETT [1]

1841 a 1847

Menciona-se um acontecimento litterario importante: a 1.ª representação do *Alfageme de Santarem*, de Almeida Garrett. — Abril de 1842. — Saudação de Castilho a esse drama. — Suas apreciações do illustre auctor Castilho e Garrett.

Em 9 de abril de 1842 presenceou Lisboa, no theatro da rua dos Condes, um dos successos que mais influencia teem tido na nossa historia litteraria: a primeira representação do drama que veio a chamar-se *O Alfageme de Santarem*, e que julgo se estreou com o titulo de *A espada do Condestavel*. É superfluo mencionar aqui o auctor; todos o conhecem.

Essa interessante festa e as suas circumstancias constam de um bom livro *Auroras da instrucção*, em que D. Antonio da Costa pinta o quadro com mão de mestre. No capitulo consagrado a Garrett, a quem Castilho chamou «O REDEMPTOR OU VERDADEIRO CREADOR DO THEATRO PORTUGUEZ [2],» consegue D. Antonio da Costa transportar-nos áquella memoravel noite, e fazer-nos assistir á representação. Só accrescentarei uma circumstancia, que interessa ao meu assumpto: no camarote do então governador civil, o conselheiro Joaquim Larcher, assistiu Castilho, e applaudiu a obra do seu glorioso contemporaneo de estudos [3].

---

[1] Das *Memorias de Castilho*, livro IV cap. VII.

[2] *Revista Universal Lisbonense*, t. II, pag. 504, artigo n.º 1:847.

[3] Obtive este pormenor pelo meu bom amigo Emilio Larcher, filho do mencionado sr. conselheiro Larcher, e que assistiu com seu irmão Jayme a este successo litterario, sendo ambos então muito creanças.

Texto e nota escriptos em 1884. Os srs. Jayme e Emilio Larcher já falleceram; este ultimo em 8 de setembro de 1888.

Tinha havido, já depois de ensaiada e vestida a peça, não sei que intrigas de bastidor, a que não fôra extranha a vil politica de corrilho. Ha na *Revista Universal* [4] um artigo de um admirador de Garrett, J. S. da Cunha e Silva, em que se allude claramente a essas intrigas, e se protesta contra o dizer-se que a peça era subversiva e insultante do governo. Pouco depois [5], annuncia Castilho no mesmo periodico a proxima representação do drama anciosamente esperado; e já conhecedor do merito do escripto, por alguma leitura (está-se a perceber), escreve isto:

«Com prazer annunciamos que depois de ámanhã, sabbado, se representará, pela primeira vez, no theatro da rua dos Condes, o tão esperado e tão retardado drama do sr. Garrett, intitulado *O Alfageme*.

«Felizmente, não para o auctor mas para o publico, abortam os mal tecidos enredos, de que em o nosso artigo 97.º fizemos querela por parte da litteratura e honra nacional.

«Todos os que assistirem á representação d'esta mui portugueza, mui formosa, e mui innocente peça, admirarão a delicadeza, com que em tempos de tantos e tão encontrados melindres politicos, o engenho do auctor, correndo sempre á velha cheia, soube maravilhosamente evitar todos os cachopos e baixios, a ponto de que, nem o mais dextro forçador de textos poderá encontrar em todos os cinco actos uma só phrase, de ção antes mereceu nome de triumpho incomparavel... Por hoje só dizemos que o *Alfageme* como escripto, e como drama, era crédor em, nosso entender da boa estrêa que logrou. Os applausos que recebeu no decurso da representação não foram de palmas e bravos, d'essas palmas indomitas e d'esses bravos bravios, que interrompem e quebram a attenção onde mais se carece d'ella, e que muitas vezes assassinam aquillo mesmo que mais pretendem exaltar; foram d'aquelles sussurros que espontaneamente se levantam, e nos quaes o louvor se está sentindo sem o ouvir; foram d'aquelles estremeções geraes, que electricamente se apossam de uma assembléa inteira; foram de lagrimas, destilladas no meio do mais profundo silencio, e que ninguem se lembrava de esconder nem disfarçar. Nos entre-actos, sim, rompeu o enthusiasmo nas suas mostras mais estrepitosas...»

*

São numerosos os trechos, em que os escriptos de Castilho fazem menção de Garrett. Citarei alguns.

Na *Revista Universal*, logo depois do artigo acabado de transcrever, apparece, no numero de 17 de março de 1842, um artigo assignado X, cujo estylo está, quanto a mim, denunciando o redactor do periodico. E' a analyse detida do drama, gua portugueza. Porém a *Merope*, fructo de annos ainda mui verdes, temol-a por inferior a quanto do sr. Garrett havemos lido...

«Não mereceriamos nós louvar tantos outros escriptos admiraveis do sr. Garrett, se fossemos capazes de o lisongear... Não foi aqui empenho seu provar-nos que nascera logo poeta maximo, porém mostrar, além de dar brio e esforço a principiantes, que tambem elle principiara engatinhando... Encarada d'este modo a *Merope*, é ainda um opusculo valioso, e não inutil para se completar o capitulo brilhante que ao nosso poeta se reserva na historia litteraria.

«Dos dois prologos do auctor, nada diremos; leiam-n'os, que são ambos elles modelos bem perfeitos de muitos e mui diversos generos de escrever [8].»

N'este mesmo repositorio amplissimo da *Revista Universal*, ha mais sobre o assumpto Almeida Garrett.

N'um artigo intitulado *Poesia nacional*, se diz isto:

«O presente é começo de uma serie de capitulos, que, assim pelo assumpto, como pelo auctor, o sr. Almeida Garrett, promettem sahir, sobre mui agradaveis, grandemente proveitosos e instructivos.

«Não contente de nos haver dado riquissimos exemplares de poesia nacional, o auctor de *Adosinda*, *Camões*, e *D. Branca*, traça hoje historiar-

D. MARIA ADELAIDE GARRETT

DR. CARLOS GUIMARÃES

que faça allusão offensiva para quem quer que seja.

«Nada mais por hoje; o resto para o numero seguinte, quando podermos dar conta do como os actores comprehenderam o poeta, e o publico o soube apreciar.»

Na noite marcada subiu á scena o drama de Garrett; e ao voltar a casa, escreveu Castilho o artigo intitulado

Á ULTIMA HORA
A ESPADA DO CONDESTAVEL [6]

«Acabamos de assistir no theatro dos Condes á primeira representação da *Espada do Condestavel*—diz elle ainda vibrante de commoção. Nem na platêa, nem nos camarotes, cabia mais uma pessoa; enchente mais completa não é possivel imaginal-a.

... «Ignoramos se havia inimigos, ou sequer dissidentes, entre os espectadores; o que sabemos é que uma ovação theatral mais completa, nunca dramaturgo algum a conseguiu; e se attendermos a que a peça é d'aquellas que não cabem em tablados tão pequenos como o dos Condes, a que alguns dos actores não chegavam á altura do seu papel, e grande numero das bellezas mais mimosas do escripto se perdiam na recitação,... confessaremos forçosamente que tal ovafeita com tal criterio, com tal benevolencia, e tal enthusiasmo, que mais não póde ser.

... «Das tres joias, com que o sr. Garrett tem opulentado a nossa musa scenica — diz o auctor — é esta, em nosso entender a mais notavel... A *Espada do Condestavel*, sim, é verdadeiramente drama; e como tal sobreleva ao *Auto de Gil Vicente*, assim como, por marcado com todo o apuro do gosto moderno, deixa o *Catão* muitos passos após si...

«A *Espada do Condestavel* não se ha de classificar em nenhum dos generos a-la-moda; é o drama mixto e moderado, nacional e verdadeiro...

«Uma analyse circumstanciada do *Alfageme*, na qual se houvessem de registar todos os seus meritos, tomaria um livro; não cabe nos espaços acanhados de um jornal [7].»

Em maio seguinte, annuncia Castilho a apparição do 3.º volume impresso das Obras completas de Garrett, incluindo a *Merope* e o *Auto de Gil Vicente*. Ahi diz o escriptor:

... «Sobre o *Auto de Gil Vicente* confirmamos quantos sinceros elogios em o nosso artigo 137.º do 2.º volume lhe haviamos dado, concordes com todos os lettrados e não lettrados que o viram em scena. E' peça que ha de viver, emquanto durar Cintra, e a memoria de Gil Vicente, de Bernardim Ribeiro, e de D. Manuel, ou pelo menos emquanto persistir um vestigio de litteratura e linnos, com aquella mestria que nacionaes e extrangeiros em seus escriptos lhe reconhecem a origem e progressos d'esta mesma poesia; e (o que mais e melhor é) salvar da destruição que os ameaça os tradicionaes fragmentos que d'ella permanecem, por alguma teimosa memoria de velhos, de avós, de aias, mormente lá pelos ermos e brenhas d'essas provincias mais remotas.

«Sabemos, que já muitas d'estas cantilenas narrativas, desprezadas de lettrados por aquillo mesmo que mais as recommenda, que é sua muita singeleza e gracioso desalinho, teem sido colligidas pelo nosso auctor á custa de muitas diligencias e perseverança de largos annos. E boa fortuna foi a nossa, de podermos ajudar tambem a sua collecção com o fructo que de egual empenho haviamos colhido, já por nós, já por nossos amigos, assim nas terras da Beira e Minho, como nas do Alemtejo.

«A empreza do sr. Garrett é d'aquellas, que, por suas visiveis e palpaveis vantagens, ninguem deve deixar de abençoar e coadjuvar.

.... [9].»

Por aqui se vê uma coisa, e vem a ser: que ao espirito de Castilho occorrera tambem o colligir um Cancioneiro popular portuguez; que o principiou a colligir, e que, tendo Garrett manifestado o seu empenho, Castilho desistiu logo do seu, e

[4] Vol. I, pag. 82 do chamado tomo II.
[5] A pag. 94
[6] *Revista Universal*, n.º 9 do t. II, pag. 110, artigo 128.º

[7] *Revista Universal*, t. II, pag. 118, art. 137.º (isto é vol. I, pag. 118).

[8] *Revista Universal*, t. II, pag. 381, (isto é, vol. I pag. 382, art. 354.º).
[9] *Revista Universal* t. I, pag. 128, art. 229.º

bizarramente offereceu ao poeta da *D. Branca* o fructo já colhido das suas diligencias.

Continuemos :

Fallando do cultivo do romance e da arte dramatica em Portugal, aponta Castilho para Garrett e para Herculano como creadores dos dois generos ; e diz (formaes palavras) :

«O theatro e o romance historico são, póde-se dizer, os dois ramos de litteratura, que hoje florescem por esta Europa. O theatro vai sendo entre nós cultivado ; de dia para dia lhe amadurecem fructos, lhe desabrocham flores. Essa plantação fel-a o sr. Garrett. O romance historico já tambem vai dando de si muito visiveis e muito boas mostras. A gloria de seu creador pertence ao sr. Herculano.»

E conclue :

«Sentimos verdadeira satisfação todas as vezes que podemos pagar com o nosso louvor aos homens amigos e benemeritos da nossa terra [10].»

A conclusão do drama *Frei Luiz de Sousa*, composto por abril de 1843, foi logo saudada na *Revista* pelo enthusiasmo de Castilho. Diz este escriptor em 4 de maio :

«Sabemos que s. ex.ª o sr. Garrett empregou o forçado ocio em que o teve a molestia, de que felizmente acaba de sahir, na composição de um novo drama em tres actos, intitulado FREI LUIZ DE SOUSA.

«Quasi que abençoamos uma reclusão que produziu um novo laurel para a nossa Litteratura. O enredo é simples, e ao mesmo tempo interessante ; os caractéres, bellos, e perfeitamente conservados ; as situações, dramaticas ; o estylo, rico de singeleza e de propriedade, e de affecto [11].»

Em junho seguinte, referindo se á apparição de certo retrato da Infanta D. Beatriz, filha d'el-Rei D. Manuel, diz Castilho :

«A Princeza... é hoje, graças ao talento insigne do auctor da *Côrte d'el-Rei D. Manuel* [12], do redemptor, ou verdadeiro creador do Theatro portuguez, tão conhecida de todos nós, e tão do nosso peito, que esta apparição merece realmente as boas vindas [13].»

Quando em junho de 1843 Garrett teve um duello com Joaquim Bento Pereira (depois barão do Rio Zezere), Castilho aproveita a occasião para verberar o duello como instituição, e depois de varias considerações exclama :

«Que significa em abono do exercito um tiro disparado ao vento pelo desafiante ?

«E, se, em vez de se disparar no vento, esse tiro houvesse derribado, não um Magistrado (que esses póde creal-os de subito a Rainha), não um Deputado (que assaz e de sobejo ha quem os substitua), mas um talento insigne, um poeta de primeira ordem ? !

«Quem, por um motivo pueril, desfizesse essa cabeça, como poderia jámais indemnisar a sua Patria das producções futuras e possiveis d'essa cabeça ?»

. . . . [14].»

Em 17 de agosto de 1843 principia a *Revista Universal* a publicar as *Viagens na minha terra*, e sauda essa apparição litteraria com estas nobres e desassombradas palavras :

«O escripto, cuja publicação agora encetamos, é exemplar de genero precioso e novo em nossa Litteratura. A seu auctor o sr. conselheiro Almeida Garrett, que nos honra com a sua amisade e collaboração, cabe a gloria de ter aberto mais de um caminho, que outros após elle teem seguido e hão de seguir.

«O theatro moderno e o romance patrio, fundou-os elle incontestavelmente. As *Impressões de viagens*, como em todos os paizes de adiantada civilisação hoje se escrevem em grande abundancia, estrêa-as tambem elle agora.

«No que damos á luz offerecemos pois aos frivolos um estudo desenfastiado, aos estudiosos uma recreação prestadia, aos engenhos fecundos um incentivo poderoso [15].»

Em novembro de 1843, annuncia Castilho a publicação do 4.º volume das obras completas de Garrett ; e depois de fallar na evolução romantica (mas já em termos conciliadores), mostra como se pacificaram e compozeram as duas parcialidades antagonicas ; e diz :

«O sr. Garrett foi em Portugal o auctor, ou o introductor, d'esta feliz e felicissima composição.

«A nossa poesia nacional, isto é, a do nosso povo, e não a dos nossos poetas, a fallada e sentida, e não a escripta e folheada, a dos campos, e não das cidades, das velhas e não dos academicos, conhecia-a o sr. Garrett desde a infancia ; havia-lhe tomado o gosto ; havia precedido aos seus estudos e reflexão ; havia-se, como quer que fosse, identificado com o seu espirito. O seu estylo mesmo, sem deixar de ser culto, nobre, e moderno, respirava aquella sinceridade nativa, e graciosa singeleza, que se absorve no trato com os conterraneos, mas não se aprende. O *Camões*, a *D. Branca*, e alguma parte do *João Minimo*, farão comprehender aos que os lerem esta verdade, que hoje nos falta espaço para explicar.»

Depois prosegue Castilho, com rara intuição critica :

«N'aquellas tres obras, e especialmente nas duas primeiras, tinha o auctor ensinado o como se haviam de conciliar a indole litteraria nacional, e as exigencias novas das litteraturas extrangeiras. Restava, para completar o seu trabalho, offerecer aos que pretendessem caminhar sobre os seus vestigios, alguma parte d'aquillo com que elle mesmo se nacionalisára.

«As xácaras e romances populares deviam ser salvos do esquecimento que os ameaçava para em breve, offerecidos a todos, e perpetuados. Era empreza fadigosa e prolixa ; mas commetteu-a ; e o 1.º volume do *Romanceiro e Cancioneiro geral*, 4.º da collecção completa das suas obras, acaba emfim de sahir á luz.

«N'elle se contém, depois de um excellente prologo historico-litterario, a *Adosinda*, imitação da Silvana ; o *Bernal francez* ; o *Chapim d'el-Rei* ; e a *Rosalinda* ; todos originaes antigos mais ou menos concertados e remoçados ; e a *Noite de S. João*, e *O Anjo e a Princeza*, composições tambem no genero antigo, mas originaes.

«Os que lerem este volume ficarão desejando, anciosos a continuação. Nós, que d'este numero somos, supplicamos aos benemeritos editores, os srs. Bertrands, que forcejem por vencer certa inconstancia (ou antes certa natural e proverbial perguiça do poeta), que o sr Garrett padece, e de que todos nós, para nos servirmos de uma expressão de S. Paulo, enfermamos tambem com elle.»

Conclue Castilho o seu nobilissimo artigo, dizendo de Garrett :

«A collecção das suas obras é thesouro tão nacional, que bem se nos deve relevar a liberdade com que d'este seu vicio nos queixâmos [16].»

Creio que se não póde dizer mais, nem melhor.

Do 5.º volume das obras completas de Garrett, volume em que sahiu o drama *Frei Luiz de Sousa* em fim de julho de 1844, diz Castilho :

«Sobre o merito do excellente, e a muitos respeitos admiravel, drama de *Luiz de Sousa*, pelo sr. Garrett, que se acaba de publicar n'um volume de 216 paginas de 8.º, que é o 5.º da collecção geral das suas obras, não é mistér accrescentarmos coisa alguma ao que já por duas vezes se leu n'esta folha a respeito d'elle. Os editores o ornaram com o retrato do auctor, e o auctor lhe incorporou curiosas notas historicas e litterarias, e a dissertação, de que tambem já fallámos, lida por elle em sessão plena do conservatorio, como preambulo ao seu drama.

«Em tudo isto se reconhece, nos pensamentos e no estylo, a mão exercitada e mestra, do sr. Garrett [17].»

A proposito de Antonio Pereira da Cunha, diz Castilho em fim de janeiro de 1845 :

«O sr. Pereira da Cunha pertence á eschola dramatica do sr. Garrett. Exemplar para dialogo, não o podia escolher com mais acerto [18].»

Logo adiante, referindo-se a Mendes Leal, exclama o incançavel obreiro do bem :

«A maré das composições dramaticas vai enchendo a olhos vista. Se outros beneficios, que se esperavam e se deviam esperar, não trouxe a fundação do Conservatorio Real da Arte dramatica, este de crear poetas para a scena (que era de todos o maior) larga, larguissimamente, o produziu.

«A posteridade não haverá só devido ao sr. Garrett uns poucos de livros primorosos assignados com o seu nome, mas uma ampla collecção de dramas portuguezes, e os primeiros em portuguez merecedores de serem por ella recebidos... [19].»

Em maio de 1845 sahiram a publico as *Flores sem fructo*, de Almeida Garrett ; e Castilho não se esquece de as commemorar.

«Com este modesto titulo — escreve elle — se publica o tomo 6.º das obras do sr. Garrett com 233 paginas.

«São as *Flores sem fructo* uma especie de catalectos, pelo proprio auctor colligidos no solto poetar do seu passado, e com um prologo, a partes mui formoso de singeleza e affecto, em que, por uns termos sentidissimos, se lastima de haver já decahido da edade da poesia para a da prosa.

«N'esta collecção de mui variados metros e sujeitos, politicos, amorosos, philosophicos, moraes, classicos, e modernos, ha poemasinhos que se distinguem por uma certa graça original de inspiração, e pelo donoso das fórmas. Não ao poeta, mas ao nosso jornal, fariamos injuria e roubo, se deixassemos de recommendar este livrinho.

«Analysal-o ? Quem analysa flores ? ! Ramilhetes são feitos para se gosarem ; gosta-se d'elles, porque se gosta [20].»

Finalmente :

O *Camões*, poema, classificou-o Castilho de «monumento que o sr. Garrett soube fabricar de diamante á gloria de Camões, e á sua propria [21].»

Tudo isso que ahi fica, ainda Garrett leu.

Esses sentimentos de Castilho sobreviveram a Garrett ; e em varias passagens de escriptos seus continuou o cego poeta a exprimir admiração convicta ao seu glorioso confrade.

Exemplos :

Quando n'uma nota do drama *Camões* insiste na sua utopia de um Campo elysio nacional para os grandes benemeritos portuguezes, menciona que havia a desastrada ideia de depositar os ossos de Camões no carneiro Real de S. Vicente, e por fim, solta este brado :

«Emfim, vá lá o Camões, se assim o querem, para o seu carcere glorioso ; mas funde-se para outros o Campo elysio ; e ahi está, á falta de Camões, Garrett para o inaugurar [22].»

Escrevendo ao esculptor, seu extremoso amigo, o fallecido Manuel Maria Bordallo Pinheiro, incita-o a que empregue o seu talento esculpindo a effigie de homens notaveis de Portugal ; e entre os que lhe aponta figura Garrett [23].»

Querem prova mais clara do muito apreço em que o poeta da *Primavera* tinha o grande poeta da *D. Branca* ?

O que transcrevi (e é apenas uma parte ; deve haver muito mais) bastaria para um estudo litterario ; é grande ; é traçado com mão firme ; por esses poucos fragmentos apparece-nos no seu esplendor toda a personalidade artistica de Garrett.

Julio de Castilho.

AS MINHAS AZAS

ORIGINAL

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.
— Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo, que m'as deu :
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao ceu.

Veio a cubiça da terra,
Vinha para me tentar ;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
— Veio a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me poder e gloria ;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.

10 *Revista Universal*, t. I, pag. 545.
11 *Revista Universal*, t. II, pag. 413, art. 650.º
12 Titulo que primeiro teve o drama de Garrett *Um auto de Gil Vicente*, assim como *O alfageme de Santarem* se chamou *A espada do Condestavel*.
13 *Revista Universal*, t. II, pag. 501, art. 1847.º
14 *Revista Universal*, t. II, pag. 516, art. 1:876.º
15 *Revista Universal*, t. II. pag. 598.
16 *Revista Universal*, t. III, pag. 130, art. 2:270.º
17 *Revista Universal*, t. IV, pag. 33, art. 3:259.º
18 *Revista Universal*, t. IV, pag. 342, art. 3:870.º
19 *Revista Universal*, t. IV, pag. 342 art. 3:871.º
20 *Revista Universal*, t. IV, pag. 496, art. 4:903.º
21 *Camões*, drama ; nota sobre *Honras posthumas*, 2.ª edição, t. II, pag. 119.
22 *Camões*, drama, 2.ª ed., t. II, pag. 145.
23 Ibidem, pag. 196.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrêllas,
E ja suspenso da terra
Ia voar para ellas,
— Deixei descahir os olhos
Do ceu alto e das estrêllas...
Vi, entre a nevóa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pezavam,
Já não se erguiam ao ceu.

Cegou-me essa luz funesta
De infeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
— Tudo perdi n'essa hora,
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram...
Nunca mais voei ao ceu. [1]

184...

(Das *Flores sem fructo*). *Almeida Garrett.*

LAS ALAS MIAS

VERSÃO

Tuve yo unas blancas alas,
Alas que un ángel me dió,
Con que, al enojarme el suelo,
Al cielo volaba yo.
Eran blancas, blancas, blancas,
Cual las del que me las dió;
Yo inocente era como ellas,
Por eso al cielo iba yo.

La codicia de la tierra
Luego me vino á tentar,
Por sus montes de oro y plata
No las quise yo trocar.
La ambición con sus grandezas
Me las quisieron cortar,
Dándome poder y gloria,
Mas no se las quise dar.

Porque con mis blancas alas,
Alas que un ángel me dió,
Si la tierra me enojaba,
Al cielo volaba yo.

Mas una noche sin luna,
Que, al contemplar las estrellas,
Desprendido ya del suelo,
Echaba á volar hácia ellas,

Abajáronse mis ojos
Del cielo y de las estrellas...
Y vi entre nieblas del suelo
Otra luz mas bella que ellas.

Y mis pobres alas blancas,
Alas que un ángel me dió,
Hácia el suelo me llevaban
Del cielo onde estaba yo.

Cegóme esa luz funesta
De enhechizados amores,
Fatal amor, negras horas
Fueron esas de dolores.
Todo perdí en esas horas
Que probé con sus amores
La dulce hiel del deleite,
Acres gozos y dolores.

Y las blancas alas mias,
Alas que un ángel me dió,
Pluma á pluma se han caido,
No más al cielo fui yo.

José Bénoliel.

[1] Garrett parece que muito gostava d'esta poesia, pois na fatal doença a que succumbiu, já pouco distante da morte, mandou a filha buscar as *Flores sem fructo* e pediu a Gomes de Amorim que lh'a lêsse (*Memorias*, vol. 3.°, pag. 647).

SEPULTURA DE GARRETT

Desde que em 1880 se arrecadaram na Egreja de Santa-Maria de Belem as suppostas reliquias de Vasco da Gama e as hypotheticas de Luiz de Camões, — e sobretudo a contar de 1888 em que no mesmo templo recebeu mausoléo sumptuoso os despojos mortaes de Alexandre Herculano, — corre mundo a enthusiastica idéa de resguardar alli tambem os veneraveis restos da eminente individualidade que em vida se chamou João Baptista de Almeida-Garrett, aproveitado assim para «pantheon nacional» aquelle monumento soberbissimo de architectura manuelina.

Poeta, dramaturgo, romancista, folklorista, pedagogista, biographo, historiador, jornalista, folhetinista, amador das bellas-artes e seu intendedor e seu favoneador, critico, politico, tribuno, estadista, jurisconsulto, magistrado, diplomata, academico, e, em todas estas multiplices manifestações do seu incomparavel espirito, brilhantissima figura que ha-de atravez dos seculos ficar gloriosamente irradiando feixes e feixes de luz deslumbrante, o Visconde de Almeida-Garrett é mais do que um singular talento: é um genio. Como estrella de primeira grandeza, cabe-lhe logar incontestavel na constellação refulgentissima em que rutilam as personalidades assombrosas de Gœthe, Byron, e Victor Hugo.

Tudo, pois, quanto seja testemunhar o nosso profundo respeito para com a memoria d'aquelle privilegiado ingenho, tudo representa apenas, a meu ver, um justissimo tributo.

Se me é licito, porém, no capitulo especial de que trato, offerecer minha individual opinião, peço que me perdôem, quantos aconteça lerem-me, a discordancia em que me sinto da opinião geral.

Para mim, permittam-me que o diga, — e não veja nisto ninguem senão a illimitada veneração que me inspira aquelle extraordinario vulto (veneração que herdei de meu Pae, a quem sempre invejei a fortuna de o ter pessoalmente conhecido e tratado), — para mim, o legitimo logar em que devem repousar definitivamente as cinzas de Garrett (piedosamente transladadas da provisória morada que em 1854 lhes arbitraram no mausoléo da familia Brito-do-Rio) é o modesto jazigo que, no cemiterio do Alto de San'-João, elle proprio mandou construir, e onde por elle esperam, desde longos annos, pessoas de familia muito amadas.

Singelo é o monumento, e occupa no cemiterio o 11.° logar á esquerda de quem percorre a larga rua principal, que medeia entre a porta de intrada e a capella

Singelo é o monumento, singelissimo. E ao vêl-o assim tão modesto, alli picturescamente situado entre cedros e rosas, quasi nos acode instinctamente lembrança da humilde lapide que entre goivos nos descreve o Lamartine, quando nos diz como ficou dormindo seu derradeiro somno, á beira-mar, na ilha de Procida, a gentil Graziella.

No monumento, de que trato jazem dois filhinhos de Garrett, fallecidos em tenra edade, e jaz a mãe d'essas duas creanças. Alli descansa tambem, apar dos sobrinhos, um irmão do divino Poeta, por nome Antonio Bernardo da Silva de Almeida-Garrett.

As datas de seus nascimentos e obitos constam das epigraphes que lateralmente nos mostra o monumento, em cuja face principal (fazendo frente aos transeuntes) ha uma significativa inscripção, significativa devéras como disposição testamentaria, e que merece por isso todo o nosso acatamento e nossa consideração.

Estas as palavras que no marmore mandou Garrett insculpir:

NUNO

JOÃO

ADELAIDE

A . SUA . MÃE
E . A . SEUS . DOUS . IRMÃOS
POZ . ESTE . MONUMENTO
D . MARIA . ADELAIDE
DE . ALMEIDA . GARRETT
ROGA-LHE . SEU . PAE
QUE . O . FAÇA . INTERRAR
AQUI
QUANDO . DEUS . O . CHAMAR
1843

E em carta que Almeida-Garrett escreveu a D. Jeronyma Deville (avó materna de seus filhitos), carta que Francisco Gomes de Amorim transcreve nas *Memorias Biographicas* (tom. III, pag. 71), diz elle clara e terminantemente: — «espero e desejo que minha filha saiba, se eu não viver até lh'o poder dizer, que a minha vontade inalteravel e o meu ardente desejo é que as minhas cinzas ali sejam postas ao pé das de meus filhos e da minha Adelaide»

Perante uma declaração tão formal, não creio eu que seja carinhoso nem humano ir de incontro á vontade expressa do testador, — pois que existe naquellas palavras uma clausula virtual de testamento.

Não sei se alguem me qualificará de nimiamente sentimental, ou de ridiculo quiçá, por isto que vou dizer; mas, com toda a minha sinceridade, aqui ponho agora um artigo de profissão-de-fé. Para mim, o culto dos mortos é incondicionalmente sagrado, como sagrado me parece que deve ser o cumprimento de suas ultimas vontades.

A meus olhos, todo homem que fallece, fica *ipso facto* representando uma creatura sobre a qual imprimiu Deus com seu dedo um sêllo de sagração, que ninguem póde apagar. Crimes que haja commettido, e tenha elle sido imbora meu offensor, meu inimigo acerrimo, com reverencia me descubro ao seu cadaver, sempre que ante mim acerte de passar entre crepes o respectivo cortejo funebre.

Porque havemos então de contradizer aquelle naturalissimo desejo de tão illustre finado? Póde acaso em bom direito admittir-se que a um glorioso vulto, só porque é glorioso e para a gloria contribuiu da sua patria, caiba em paga (antes diriamos castigo!) ficarem frustradas e ludibriadas as formaes determinações, tão justas e tão naturaes, de sua derradeira vontade?!!

Esta idéa de constituir para os grandes homens do nosso paiz um pantheon funerario, datando imbora de 1880 a sua effervescencia, cumpre entretanto ponderar que é mais antiga, — pois que já em 1849 (ha meio-seculo decorrido) Antonio Feliciano de Castilho, ao publicar o seu drama *Camões*, aventava em uma nota do livro os fundamentos para a creação de um «Campo Elysio» situado nalgum dos cemitérios da capital, e su-

TUMULO NO CEMITERIO DO ALTO DE S. JOÃO

Vidè artigo «Sepultura de Garrett»

(Desenho do natural pelo sr. J. R. Christino da Silva)

bordinado á mesma idéa por que hoje pugnam quantos desejam para a Egreja de Santa Maria de Belem destinos analogos aos que apresenta na Inglaterra a celebre Abbadia de Westminster.

Propunha naquelle tempo Antonio Feliciano de Castilho que se inaugurasse tal «Campo Elysio» com a trasladação dos ossos de Camões e de Francisco Manuel do Nascimento. Mais tarde, em 1863, na occasião de proceder á segunda edição do seu admiravel drama (edição «copiosamente accrescentada nas notas»), Castilho — attendendo ás circumstancias de terem já sepulcro no Cemiterio do Alto de San'-João as reliquias de Filinto, e vogar então a idéa (que não chegou depois a realizar-se) de admittir em San'-Vicente de Fóra, na capella funeraria da Dynastia Brigantina, o Principe dos Poetas Portuguezes, — Castilho continuava advogando o seu proposito, mas lembrando que se estreasse o «Campo Elysio»... sabem com quê? com a trasladação de Garrett (fallecido em 1854).

Eu, por mim, confesso que pouco sympathizo com a idéa, aliás muito patriotica, de recrutar e armazenar finados, como numa especie de museu, quer seja sob a fórma de «Campo Elysio» preconizada por Castilho, quer sob a fórma de templo convertido em «Pantheon».

Desagrada-me sobremaneira esta centralização obrigatoria, num tempo em que scientificamente predomina o espirito logico das descentralizações.

E, pondo mesmo de parte o sacrilegio que se me antolha em postergar disposições testamentarias de um morto (refiro-me agora especialmente ao caso de Garrett), não vejo que mais lucre a gloria d'esse morto com a circumstancia de lhe darem sepultura em faustosa necropole.

Chegam mesmo em certos casos a ter seu perigo, na evolução dos tempos, estes sarcophagos monumentaes. E' que o fogo-do-céo fulmina de preferencia a suberbia dos pincaros.

Onde estão hoje as cinzas do encyclopedico Voltaire? onde porventura as do amoravel João Jacques Rousseau? Varreu-as o torvelinho das paixões politicas; dispersou-as na voragem do ignoto a represalia de alguns iconoclastas em revindicta (aliás, perfeitamente explicavel) do que outros iconoclastas haviam practicado por seu turno com referencia a gloriosos vultos da França.

Pois quê? em vez de triumphalmente conduzil-as ao improvisado «Pantheon», não teria sido preferivel que no bucolico remanso de Ermenonville houvessem deixado repousar as corporaes reliquias do auctor da *Nova Heloisa*, e na modesta egrejinha de Romilly as do cantor da *Henriada*?

Tristemente vazias do que em tempos lhes confiou a enthusiastica exaltação de espiritos revolucionarios, as urnas de Rousseau e de Voltaire fazem lembrar a lugubre inscripção que substitue o retrato de Marino Faliero na Galeria dos Doges em Veneza — *Locus Marini Falieri decapitati*.

E Victor Hugo, a quem naquelle «Pantheon» deram logar em 1885, não descansaria melhor em seu jazigo-de-familia, no cemiterio do Padre Lachaise, apar dos que tanto estimára em vida o sublime Poeta?

Recolhidas por imprestimo em jazigo alheio, onde facilmente algum dia poderiam confundir-se ou extraviar-se, indispensavel é que a tempo se lhes acuda, incerrando em sepultura propria as venerandas cinzas de Garrett. Mas não lhe façâmos, ah! não lhe façâmos a elle a injuria de o contrariarmos, separando (posto que no melhor intuito), separando *post mortem* dos seus restos os restos de pessoas que elle tanto em vida estremeceu e que Deus lhe destinára para sua companhia e seu inlêvo.

Aquella rogativa enunciada no epitaphio, que deixei transcripto, involve uma divida em aberto: á patria compete solver essa divida, em preito á memoria de tão benemerito filho.

Cumpra-se-lhe fielmente a final vontade, agasalhando no singelo monumento, a que me refiro, o pae das creancitas que lá dormem. Para exaltar a memoria de Garrett, ahi estão por toda parte as suas obras portentosas e immorredouras; para affirmar a gratidão dos seus conterraneos, mil maneiras não faltam de a tornar saliente, sem que seja indispensavel perpetrar o que se me afigura uma tyrannia, um desacato, um attentado, e quasi, não sei se diga, uma profanação.

Bibliotheca Nacional de Lisboa,
11 de Janeiro de 1899.

Xavier da Cunha.

9 DE DEZEMBRO DE 1854

Á MEMORIA DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Treze annos ha, que entrava ao Pantheon da Historia
um vulto colossal laureado já da Gloria.

Treze annos ha, que a Patria, ao vel-o submergir,
interrogava em pranto as brumas do porvir.

Treze annos! N'esta hora aquelle insigne obreiro
ia exhalar sereno o alento derradeiro.

Parado ao limiar que se abre á eterna esp'rança,
recordava talvez no espelho da lembrança
o saudoso passado! o rumor das cidades!
o esplendor do alto mundo, então nem já saudades!
as noites do trabalho! os raptos do compôr!
os applausos da turba! os extases de autor!
tudo que lhe inflammara a esplendida existencia,
e é nada ante um sorrir (um só) da consciencia.

N'essa hora angustiosa... a Lusa Poesia
confrangeu-se de dór; e, na immensa agonia,
deixou cahir, soltando um funebre lamento,
a Lyra, que inda jaz no plinto do moimento.

Junto ao leito da dór ao morto se abraçava
uma creança: a filha. A dór que a espedaçava
não é só d'ella: é nossa. Aquella viuvez
sente-a, como ella e nós, o palco portuguez.

Foi d'Elle o braço, foi, que impelliu triumphal
o novel galeão da Musa theatral.
Ausente, inda a sua mão dirige o rumo á prôa
d'esta nau litteraria; a vóz d'Elle inda sôa.
E hoje ainda, ao mirar sem faina a marinhagem,
e não vendo na vella o sopro da bafagem,
debruçado na pôpa o triste mareante
vê na esteira do mar o impulso do Gigante.

Urmeira
9 de Dezembro, de 1867
6 horas da tarde

Julio de Castilho.

Aos illustres collaboradores do «Occidente»

A redacção do OCCIDENTE agradece muito reconhecida aos seus illustres collaboradores que se dignaram enviar originaes para serem publicados n'este numero, e pede desculpa pelos que deixon de inserir, apesar de ter augmentado mais 4 paginas, mas que sahirão a publico no proximo numero.

AVISO

O preço d'este numero avulso é de 200 réis.